

## CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 9 | Nº. 1 | Ano 2024

Editores

Dr. Pedro Acosta-Leyva.

Dra Juliana Barreto Farias.

Site/contato

<https://revistas.unilab.edu.br/>

Email: leyva@unilab.edu.br

Email: julianafarias@unilab.edu.br

### Breve notícia sobre os arquivos e acervos de língua portuguesa em Goa

Cibele Aldrovandi e Helder Garmes<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** Goa; Arquivo; Biblioteca; Colonialismo

Se houve uma herança de valor inquestionável do colonialismo português em Goa, esta foi a criação do Arquivo Histórico de Goa, antiga Torro do Tombo de Goa, e hoje designado como *Directorate of Archives and Archaeology - Government of Goa*, situado em Pangim (antiga cidade de Nova Goa, no período colonial), capital do hoje Estado de Goa da República da Índia. O registro português mais antigo ali encontrado data de 1498, sendo que a maior parte dos documentos está ou em português ou em marata, língua falada principalmente no estado vizinho de Maharashtra. Existem ainda registros em canarês, língua comum em outro estado vizinho, o de Carnataca, e documentos em sânscrito, persa, inglês, francês, vietnamita, assim como cartas manuscritas em suaíli que datam de quase 300 anos. Ponduronga Pissurlencar (1955) informa-nos que o Arquivo Histórico do Estado da Índia foi

---

<sup>1</sup> Cibele Aldrovandi, doutora em Arqueologia (USP), pesquisadora do Grupo Pensando Goa (USP); Hélder Garmes, doutor em Estudos Comparados de Literaturas Portuguesa, professor de Literatura Portuguesa da USP. aldrovan@yahoo.com; helder@usp.br

criado oficialmente em 1595, no palácio do então vice-rei Matias de Albuquerque, com a designação Torre do Tombo do Estado da Índia, tendo por guarda-mor Diogo de Couto. Desde então, cumpriu um papel fundamental na escrita da história da presença europeia na Índia.

Para além deste arquivo, o Seminário de Rachol, em Salcete, cujas edificações remontam ao século XVI, também possui uma biblioteca muito importante. Se o mais antigo e mais famoso colégio jesuíta de Goa foi o Colégio de São Paulo, onde foi instalada a tipografia trazida para a Índia em 1556, esta mesma tipografia foi mais tarde transferida para o Colégio de Rachol. Segundo Maria Carlos Afonso Ferreira da Silva (1999), a antiga biblioteca foi reconstruída em 1885 e recebeu acervos pertencentes a extintos conventos de Goa, o que faz dela, ao lado do Arquivo Histórico de Goa e da Biblioteca Central de Goa, um dos mais importantes conjuntos documentais para o entendimento da presença católica na Ásia. Luís Filipe Thomáz (2017) observa que alguns dos textos mais antigos em concani romanizado (transcrição gráfica do concani criada pelos padres católicos) provavelmente tiveram sua procedência no Colégio de Rachol.

Já a Biblioteca Pública de Goa, situada também em Pangim, é a mais antiga biblioteca pública existente na Índia, segundo nos informa Sandra Ataíde Lobo (2011). Foi criada por D. Manuel de Portugal e Castro, em 1832, designada então como Pública Livraria, ligada à Academia Militar. Em 1836, foi rebatizada como Biblioteca Pública, na qual foram integrados os acervos dos extintos conventos de Velha Goa (cidade em que se encontrava a antiga sede do governo português). Em 1941, torna-se independente da academia militar, passando posteriormente a ser conhecida como Biblioteca Central de Goa. Atualmente é designada como *Krishnadas Shama Goa State Central Library*, ou simplesmente *Goa Central Library*. Reúne diversas coleções de periódicos goeses em diferentes línguas. No caso da língua portuguesa, é certamente o maior acervo de periódicos goeses existente, com coleções que abrangem desde o início da imprensa periódica em Goa, com a *Gazeta de Goa* (1821-1826), até a atualidade.

Outro acervo de grande importância é o da biblioteca do *Xavier Centre of Historical Research*, instituição criada em 1977. Constituído já no período pós-colonial, reúne obras mais recentes que remontam ao século XIX. Em seu acervo se encontram, por exemplo, coleções de periódicos oitocentistas e novecentistas importantes, como as de *O Ultramar*

(1859-1936) e de *A Índia Portuguesa* (1861-1921), publicações que tiveram origem em Margão (cidade ao sul de Pangim), a primeira promovida por brâmanes católicos e a segunda, por chardós católicos, as duas castas que mais cultivaram o português em Goa durante o período colonial.

Outro arquivo fundamental é o da Biblioteca da Universidade de Goa, importante depositária das coleções privadas de estudiosos da cultura goesa. Pia de Menezes Rodrigues (1999), que já foi bibliotecária da Biblioteca Central de Goa, faz notar que a biblioteca da Universidade de Goa conta com as coleções privadas de Panduronga Pissurlencar e de Nuno Gonsalves, contendo obras raras e de grande importância para a história colonial de Goa.

Para além desses acervos institucionais, há outros, privados, geralmente de famílias da elite goesa, como a biblioteca da família Menezes Bragança ou a de Percival de Noronha. Algumas famílias preservam coleções inteiras de periódicos, que retratam em certa medida o cotidiano da sociedade colonial goesa.

Tais acervos físicos são fundamentais para a constituição de novos acervos virtuais que podem realizar recortes específicos e muito produtivos nessa imensa massa documental neles depositada. Há, contudo, um conjunto de dificuldades relativas aos direitos autorais e direitos institucionais que condicionam o uso desse material. O presente texto também visa equacionar e discutir as questões daí derivadas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

LOBO, Sandra Athaide. “Biblioteca Pública de Nova Goa: alguns aspectos da sua agenda intelectual”, *Via Atlântica*, n. 19, 2011, p. 103-120.

PISSURLENCAR, Pandoranga. *Roteiro dos arquivos da Índia Portuguesa*. Bastorá, Goa: Tipografia Rangel, 1955.

RODRIGUES, Pia de Menezes. Research Libraries in Goa (Colonial and postcolonial experiences), *Lusotopie*, nº6, 1999, p. 477-488.

SILVA, Maria Carlos Afonso Ferreira da. *O ensino em Goa no século XIX (1836-1869)*. Universidade do Porto, Dissertação de Mestrado, 1999.

THOMAZ, L. F. F. R. “Amchi Bhas: o paradoxo linguístico de Goa”. *Povos e Culturas* (20), 2017, pp. 145-214.